

PROJETO ESTAÇÕES ORQUÍDEA: *unidades permaculturais biodinâmicas – aprendizado, pesquisa, transdisciplinaridade*

EDUARDO ANTONIO BONZATTO⁴⁹

LEANDRO GAFFO⁵⁰

LUANA MANZIONE RIBEIRO⁵¹

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar uma experiência metodológica que privilegia todo e qualquer processo de aprendizagem de maneira igualitária, pautada em afeto, solidariedade, liberdade e leveza. A proposta tem inspiração nas teorias da Permacultura e no princípio dialógico, preconizado por Paulo Freire. Trata-se de um conjunto de experiências que agora se coadunam num projeto replicável e adaptável a diversas realidades e locais. Lidar com populações locais, seus saberes, práticas, experiências e tradições e potencializá-los com os saberes acadêmicos e as vivências proporcionadas por essas relações compõem a epistemologia deste trabalho. O Projeto das Estações Orquídea: unidades permaculturais biodinâmicas vem atualmente ocorrendo em cinco pontos do território brasileiro (Carapicuíba-SP, Itapeverica da Serra-SP, Juazeiro do Norte-CE, São Paulo-SP e Teixeira de Freitas-BA) em estágios diferenciados de implantação.

PALAVRAS-CHAVE

Afeto, novas metodologias, educação e Permacultura.

ABSTRACT

This Project was started in several institutions with different characteristics, public and private. With our friendship we find out that we had in common a trajectory in

49. Professor, permacultor e doutor em História Social. Atualmente, é professor da Universidade Federal do Sul da Bahia (Campus Teixeira de Freitas).

50. Professor, permacultor e doutor em Ciências da Religião. Atualmente, é professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (Campus São Roque).

51. Professora, permacultora e mestre em História Social. Atualmente, é professora do Colégio Ítaca.

educational places formal and non-formal that promote actions related to theory and practice about Permaculture. In the last years we thought about join our experiences with another groups and institutions and connect them beyond the Estações Orquídea Project that aim the exchange of experiences about Permaculture. The nature of this project is integrate social, cultural, politic elements that increase relationships based on Exchange of knowledge and experiences. These exchange intend to find ways to promote citizens with more autonomy, freedom prepared to receive and win the challenges of our time.

KEYWORDS

Permaculture, autonomy, in exchange, experience, knowledge.

*Quando a educação não é libertadora,
o sonho do oprimido é virar o opressor
(Paulo Freire).*

As diferenças entre um documento e sua implementação, por vezes, traduzem bem a distância entre uma intenção e os obstáculos para sua realização. Dos muitos caminhos existentes no trajeto, o que se tratará aqui é de ações, práticas e movimentos que buscam minimizar essa distância. Mas também aqui estaremos diante de um projeto, um lançamento para outro futuro, até que os vestígios desse caminho sejam palmilhados, titubeantes, erráticos, confusos, num sentido, com cuidado, atenção e comprometimento. Palmilhados coletivamente, esse novo projeto é um fazer isolado que anseia por parceiros.

Esse traçado certamente tem inspiração na obra e prática do educador Paulo Freire, que, a todo momento, nos remete à relevância de uma educação/reflexão pautada nas diversas formas/espços/relações com as quais podemos realizar trocas de saber/fazer e fazer/saber. Em texto da obra *Por uma pedagogia da pergunta* (2013), baseada nos diálogos com Antonio Faundez, Freire nos lembra que, em nossos processos de aprendizagem, devemos estar abertos ao mundo, à natureza, à oralidade, pois essa abertura possibilita vivências mais livres, leves e afetivas. Os protagonistas da obra relatam que o formato escolhido para fazê-lo (diálogo) deve-se à necessidade de ruptura com a acomodação intelectual e à relevância do trabalho intelectual coletivo, que só ocorre por meio do diálogo constante (FREIRE; FAUNDEZ, 2013).

Por isso, nosso artigo foi escrito a seis mãos, e por tantas outras que participaram de nossas vidas. O fazer acadêmico deve mudar sua práxis, desvencilhar-se das amarras do conhecimento e, portanto, do poder. O diálogo preconizado por Freire e Faundez (2013) e também por Freire e Ira Shor (2013) não se trata de mero gênero textual, mas de exercício intelectual de desapego e de negociação, que abre mão de desfilas, egocentricamente, conhecimentos sobre aquilo que se imagina conhecer.

Nosso texto visa a compartilhar reflexões e ações que permearam e permeiam nossa prática como educadores com base em diversas experiências educativas aplicadas em diferentes espaços e relações, desde universidades públicas e privadas, passando por escolas de ensino fundamental e médio até espaços não escolares, como áreas de urbanização do município de São Paulo, formações de catadores, jardineiros etc.

A práxis utilizada como “ponto de partida” para nossas experiências é a da *Permacultura*. Trata-se, portanto, de uma *cultura do permanente* em detrimento de uma *cultura do descarte*. No entanto, isso não deve ser confundido com uma cultura estática, muito pelo contrário. Essa cultura do permanente recusa a cultura da permanência, no sentido de imobilidade, por seu caráter de constante mudança. Tal conceito surgiu originalmente com Bill Mollison e David Holmgren (MOLLISON; SLAY, 1991) na Austrália e chegou ao Brasil há cerca de 20 anos. Hoje, existe uma rede de permacultores, no Brasil e no mundo, que produzem experiências bastante interessantes, as quais devem ser conhecidas e apropriadas.

A Permacultura se caracteriza pela falta de roteiro, de fórmulas, de pré-requisitos. A forma de abordar a realidade, de reconhecer o problema e de procurar e encontrar soluções em nível local exige uma postura coletiva, criativa e inovadora, constante, ancorada na discussão, no diálogo e na pesquisa. É um modo de percepção dos sistemas vivos, sejam naturais ou sociais, por meio das relações entre seus elementos, que se dispõem na forma de assembleia e com determinando arranjo (*Design*). Um Design Permacultural permite, com base na observação e no estudo dessas relações entre os elementos, aperfeiçoar o sistema para que ele se torne mais eficaz, ou seja, se transforme num sistema com a mínima entrada e perda de energia possível. Entende-se energia aqui como qualquer coisa consumida pelo sistema para sua própria manutenção. Materiais, ideias, força física, inovações tecnológicas, sementes, insumos agrícolas, dinheiro etc. são alguns exemplos.

Num Design Permacultural, as relações entre os elementos da assembleia são potencializadas pela inovação tecnológica, que se transforma em tecnologia de convivência. Conforme nos diz o educador Tião Rocha (2013), as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) devem se transformar em Tecnologias de Aprendizagem e Convivência (TACs). Segundo Rocha, a disponibilidade excessiva de tecnologias de informação e comunicação (*notebooks, tablets, redes sociais*) não tem serventia alguma se não for convertida em ferramentas que promovam mais aprendizagem, afetividade, solidariedade e convivência. Dessa maneira, as TICs não devem aprofundar os níveis de desigualdade já existentes, mas contribuir para atenuá-los.

Num processo permacultural, pode-se experimentar e desenvolver a prática dialógica preconizada por Paulo Freire, pois ela promove o encontro, a parceria, a aprendizagem mútua, a convivência íntima, a troca, a discussão, o conflito de ideias. É nela que se pode vislumbrar a oportunidade de fazer aflorar novas formas de relação para além das imposições impessoais do sistema capitalista global conforme descrito por Milton Santos (2008). Essa impessoalidade e o individualismo vigente desumanizam as relações e as tornam coisa apropriável. O Design Permacultural difere do convencional essencialmente por apresentar formas inovadoras de utilização e reaproveitamento de elementos do sistema, o que o torna cada vez mais eficiente e autônomo. Nele, a inovação e a tecnologia estão a serviço das e alinhadas às formas tradicionais de cultura, no sentido de melhorar a vida das pessoas na resolução de problemas socioambientais.

Metodologicamente, toda essa reflexão pode ser traduzida para o formato de oficinas e pesquisa-ação, em que imersões e resoluções de problema prevalecerão sobre formas tradicionais de ensino. Tal conversão se dá pela *pedagogia da roda* e dela dependem as atividades e produções que transformam salas de aula em oficinas de produção de novos saberes e de tecnologias de convivência. Os elementos fundamentais desse movimento são a tradição, os saberes e a experiência. Nesse sentido, o caminho percorrido é sempre horizontal e nunca vertical. Em inglês, existe uma forma de chamar isso: sistema *bottom-up*. Sempre horizontalmente, impedindo que os sistemas de poder engessados se intrometam.

Com base nessa apresentação, cabe, neste momento, voltar ao seu título a fim de explicar sua escolha e definições. Pensa-se que parceiros, já estabelecidos

e futuros, recebam a denominação de Estação Orquídea, título que aproxima tais unidades de uma das melhores qualidades dessa planta. A orquídea é uma planta magnífica. Não é só bela e rara em sua variedade, mas seu sistema de vida é um exemplo que devemos perseguir: cada orquídea é autossuficiente. Plante-a num poste de aço, e ela florescerá lindamente. Porque é capaz de coletar toda alimentação, água e energia que precisa para viver. Quando cultivada em contato com outras, além dessa propriedade fantástica de viver autonomamente, a orquídea congrega uma vitalidade energética que se espalha numa vigorosa relação coletiva ainda mais impressionante. Não concorre com outras, mas converge sua energia numa egrégora de beleza e longevidade. As Estações Orquídea, portanto, fazem parte de um movimento emergente e viral de alastramento de redes colaborativas na pulverização de valores de humanização das relações interpessoais e com o planeta. Esse sistema vital funciona como uma planta, da seguinte maneira: a plantinha precisa de muito cuidado até conseguir desenvolver seus fluxos vitais; uma vez viva, ela é totalmente autônoma; a planta tem sistema próprio de reserva de água e alimento, sabe perfeitamente como lidar com o sol, com a poluição, com o ambiente; a orquídea vive sozinha em suas múltiplas inter-relações com tudo que a rodeia. Esse exemplo de independência e interdependência parece forte o suficiente para inspirar outros movimentos vitais.

Para que propostas como essa se concretizem, urge que nos atentemos às premissas referentes aos tipos de relação a serem estabelecidos, que devem atender aos seguintes níveis:

MICRO: atuação de nível local, em que se proporcionam relações entre os estudantes, os professores, a comunidade; relações intersubjetivas.

MÉDIO: as redes informacionais ligam as várias células num ambiente expansivo de trocas e de circulação de ideias e de valores; relações virtuais.

MACRO: atuação política mais ampla, contra movimentos verticalizados que invertem a lógica do conceito de educação, ou seja, em que este deixa de ser compreendido como um processo de inter-relação igualitária e constante.

As tecnologias de convivência, como designa o termo, serão resgatadas para convergir, num diálogo profícuo, as diversas vozes, saberes, experiências, de sujeitos sociais distintos. Atinge-se, assim, um nível de complexidade capaz de provocar, ao mesmo tempo e segundo os ritmos de cada um, solidariedade, autonomia, tolerância, criatividade e afetividade. Nesse sentido, o aprendiz e mestre tecelão, em sua simbiose dialética, terão de experimentar a textura dos fios, o movimento do tear, as várias possibilidades de produção de *design*, de mistura de cores, de variação de tecidos.

De suma importância, no entanto, é a compreensão dessa mudança epistemológica e prática que deverá ser desenvolvida por educadores de todas as áreas. Entendemos que essa mudança de cultura integra um processo lento e intenso que será vivenciado durante toda sua implantação, e cada unidade irá construí-la e formatá-la com base em suas experiências e emergências.

Já temos, em funcionamento ou em discussão, várias unidades: na Faculdade Nossa Cidade (FNC), em Carapicuíba; numa escola pública em Itapeverica da Serra;

nas três unidades do Cursinho da Poli, em São Paulo; na Universidade Federal do Cariri; na Universidade Federal do Sul da Bahia.

Nessas unidades de trabalho, cada Estação Orquídea funciona com as demandas locais. Genericamente, são unidades leves de Permacultura, operando basicamente com cinco pontos, como os dedos das mãos: construção de habitações estruturais em terra, bambu etc.; coleta e reserva de água de chuva; sistemas híbridos de captação de energia; saneamento ecológico; alimentação.

No que se refere à alimentação, uma revolução das hortas ocorre em todas as unidades. Considerando que as casas simplesmente erradicaram espaços de terra, o plantio de hortas em garrafas PET e a coleta de chorume em *composteiras* domésticas operam um ciclo virtuoso e altamente político de confronto com as redes de hipermercados, contra as inundações de venenos e de químicas nos produtos e a favor de uma reeducação alimentar e política.

As Estações Orquídea anseiam pela emergência e buscam as artérias das comunidades e das pessoas num fluxo de vozes, de ações e de contaminações por um envolvimento de valores, ideias e práticas em que “cada um de nós é todos os outros”, como diz Mia Couto.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MOLLISON, Bill; SLAY, Reny Mia. *Introdução à Permacultura*. Austrália: Tagari Publications Tyalgum, 1991.

ROCHA, Tião. "É possível fazer educação de qualidade sem escola". *Inclusive – inclusão e cidadania*. 13 mar. 2013. Disponível em: <www.inclusive.org.br/?p=24298> (acesso em 27 jun. 2014).

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2008.